

A ESTÉTICA DA FARINHADA NO CEARÁ: UM DEVIR-FÍLMICO “DEBAIXO DO BARRO DO CHÃO”

Francisco Harley de Oliveira Almeida, Deisimer Gorczevski

A pesquisa propõe tatear com os rastros sonoros e imagéticos que perpassam a oralidade de mulheres agricultoras, em comunidades rurais, no sertão cearense, aproximando-se de saberes e práticas ancestrais indígenas, tramando percursos, marcando potencialidades presentes nas comunidades de Carapebas Cruxati, em Itapiopoca, e de Uruá, em Barreira, no Ceará. Nesse estudo, que envolve a realização audiovisual, a metodologia aponta para um processo de criação com a cartografia esquizoanalítica, conforme a perspectiva da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) e o conceito de devir-fílmico (ALMEIDA, 2019), o qual consiste numa expressão audiovisual que transversaliza ciência, filosofia e arte. O devir-fílmico assinala as intensidades vividas, captando os efeitos das forças humanas e inumanas. Dessa maneira, transgride o território identitário, quando a experimentação imagética perpassa as fronteiras e as linhas de existência, resistentes nas margens que assinalam modos de vida. Um devir que gera um composto por blocos sonoros, blocos de cores, repouso em imagens que se borram e se mesclam, tensionando a escapar do humano e de seus traços antropomórficos. Pensando no sentido rizomático e não hierárquica no que tange aos territórios de múltiplas entradas e saídas. Experimentando com a farinhada em um traço imanente entre comunidades-territórios-fílmicos em que o pensamento ecosófico transversaliza os modos de vida das raspadeiras de mandioca e são capazes de produzir uma ligadura nos processos que definem um rosto multidimensional, produzindo revides ao modo capitalístico que insiste em espalhar rastros de morte por meio da dominação, da segregação e da eliminação. Experimentação como eco-potência de uma dimensão estética que corta e se conecta a uma dimensão ética e política, produzindo aberturas para novos universos referenciais.

Palavras-chave: Devir-fílmico. Ecosofia. Raspadeiras de mandioca. Multiplicidade.